

A LITERATURA SURDA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA VISÃO MULTIMODAL DO COMPLEXO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Fábio Marques de Souza

Universidade Estadual da Paraíba / Universidade Federal de Pernambuco, fabiohispanista@gmail.com

Ronny Diogenes de Menezes

Universidade Estadual da Paraíba / Instituto Federal de Pernambuco, ronny.diogenes@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho descreve os resultados de uma pesquisa qualitativa que buscou avaliar os impactos da literatura surda, como artefato cultural, na formação de professores. Visto que há uma visão estereotipada da surdez e uma série de crenças que podem atrapalhar o processo de ensino-aprendizagem, tornou-se necessário desenvolver esse trabalho com o objetivo de descrever como a literatura surda, compreendida desde uma perspectiva sociocultural e multimodal, na formação de professores, pode contribuir para que os futuros docentes possam estar melhor preparados para atender às necessidades educacionais dos surdos. Para isso, nos pautamos na operação global do ensino de línguas de Almeida Filho (1998), na perspectiva sociocultural de formação de professores descrita por Vieira-Abrahão (2012) a partir do legado de Vigotski e seus seguidores, na pedagogia dos multiletramentos de Rojo (2012). Além desses, a visão de literatura adotada nesse estudo é a descrita por Candido (2011), como um bem incompreensível, que não pode ser negado a ninguém e nas definições de Karnoop (2010) sobre o que é literatura surda. Finalizando, apresentamos uma proposta de uso dessa literatura como artefato cultural audiovisual que pode auxiliar na formação de professores das diversas disciplinas para atender às necessidades dos alunos surdos.

Palavras-chave: Surdez, Literatura surda, Formação de professores, crenças.

Introdução

Segundo os dados do Observatório do PNE¹, em 2014, havia - somente na região nordeste - 262.131 alunos com surdez. Contudo, milhares de professores não conhecem as especificidades educacionais desses alunos, o que os torna, de certa forma, “leigos” nessa área. A falta de conhecimento sobre as pessoas com deficiência auditiva, muitas vezes, causa preconceitos e discriminação pelo fato de não conseguirem se comunicar com o mundo como a maioria, pois os ouvintes², em parte, têm uma visão estereotipada da surdez (PERLIN, 2010). Com isso, as pessoas surdas enfrentam dificuldades de interação no mercado de trabalho, na escola e na família. Dentro de uma visão estereotipada da surdez, acredita-se que essas pessoas somente têm capacidade de exercer funções meramente mecânicas e repetitivas, pois - como não ouvem - podem se concentrar em atividades desse tipo (PERLIN, 2010).

¹Disponível em: <http://www.observatoriodopne.org.br/metaspne/4-educacao-especial-inclusiva/dossie-localidades>. Acesso em: 20 de jun. 16

² Sujeito que ouve, que não é surdo.



Após muitas lutas, foi dado um grande passo na quebra do estereótipo ligado à surdez. Isso aconteceu com o reconhecimento da língua de sinais como meio de comunicação oriundo das comunidades surdas, em 2002, pela Lei n.º 10.436. A partir disso, o ensino da Libras se tornou obrigatório nos cursos de Licenciatura, desde o ano 2005, regulamentado pelo Decreto Federal n.º 5.626. Esta foi uma das maiores conquistas na educação das pessoas surdas, pois os futuros professores têm a oportunidade de conhecer e utilizar a Libras como um instrumento mediador no complexo processo de ensino-aprendizagem. Ao analisar essa conquista percebemos a importância do ensino dessa língua para os graduandos, pois o entendimento das necessidades específicas dos surdos, pelos professores, em sala de aula, pode significar o sucesso ou o fracasso educacional.

Nesse sentido, é possível perceber que os cursos de licenciaturas têm uma grande responsabilidade, pois, com uma abordagem adequada será possível quebrar a visão estereotipada ligada à surdez.

Para que isso aconteça, é desejável que os professores de Libras estimulem os licenciandos a refletir a respeito da cultura surda, sua relação com os ouvintes e as capacidades das pessoas surdas. Um dos meios que podem contribuir para isso é a literatura surda, pois ela apresenta, Segundo Kanopp (2010),

Histórias que têm a língua de sinais, a identidade e a cultura surda presentes na narrativa. Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente (p.7).

Esse tipo de produção literária revela muito sobre os povos surdos, suas necessidades, desejos, anseios e preocupações. Segundo Karnopp (2008), na literatura surda é possível encontrar: “contos, lendas, fábulas, piadas, poemas sinalizados, anedotas, jogos de linguagem e muito mais”. A temática desse gênero, na maioria das vezes, aborda a relação entre surdos e ouvintes (KARNOPP. 2010), desse modo surge um novo mundo de significações que os ouvintes desconhecem. Diante do exposto, colocar o ouvinte em contato com a literatura surda pode ser uma forma interessante de prática da alteridade.

Levando em consideração a importância que a literatura surda tem, os professores em formação não podem ser privados dela. Desse modo, apresentamos, nesse artigo, a literatura surda como uma necessidade humana (CANDIDO, 2011) que, vista desde uma perspectiva sociocultural (VIEIRA-ABRAHÃO, 2012) e multimodal (ROJO, 2012), pode contribuir para que os futuros docentes possam estar melhor preparados para atender às necessidades educacionais dos surdos.



O ensino da Libras através da literatura surda

Diferentes metodologias são possíveis para o ensino da Libras, entretanto, entendemos que a abordagem comunicativa é a que mais se adequa ao ensino dessa língua. Esse processo de ensino tem uma visão própria da função de linguagem, do conceito de ensinar e de aprender (BROWN, 1994; ALMEIDA FILHO, 1997 *apud* GESSER, 2010). Dentro desses conceitos, percebemos que a linguagem tem como função primordial a comunicação e o contexto social influenciam o seu uso. Dentro desta visão, torna-se necessário uma abordagem diferenciada do ato de ensinar, dando pouca ênfase à gramática, usando-a quando ela é fundamental para a aprendizagem.

Almeida Filho (1998) salienta que a cultura de aprender do aluno pode não estar em consonância com a abordagem de ensino do professor nem a do material didático escolhido. Esse problema seria fonte de desmotivação para o estudante, levando até ao fracasso do processo de ensino-aprendizagem. Assim, Almeida Filho (1998) propõe que a relação entre professor e aprendiz sejam “intercambiados numa relação interativa de comunicação de fato” (p. 18). Dessa maneira, a cultura de aprender do aluno, a abordagem de ensinar do professor e o material didático devem estar em consonância para que o processo possa fluir da melhor maneira possível.

Nesse contexto, os interesses, fantasias e crenças dos alunos podem ser frustradas ou atendidas. Neste ensejo, Almeida Filho (1998) afirma que o aprendizado significativo de uma língua “implica entrar em relações com o outro numa busca de experiências profundas” (p.15). Assim, dentro do método comunicativo a aprendizagem de uma nova língua deve ser baseada em tarefas interativas, nesse sentido o aluno terá contato com outros aprendizes e também com artefatos culturais que mediem esse processo. Como exemplos de artefatos podemos citar os vídeos, músicas, produções literárias, folclore e outras manifestações que expressem a cultura de um povo.

Segundo Porfírio (2010), as situações reais de comunicação influem na estrutura da língua, deste modo, também “uma perspectiva sociocultural entende que a cognição humana é construída por meio do engajamento em atividades sociais” (VIEIRA-ABRAHÃO, 2012, p. 460). Com isso, o estudante terá seu desenvolvimento cognitivo construído por meio da interação social, e esse processo pode ser mediado por artefatos culturais.

Johnson (*apud* VIEIRA-ABRAHÃO, 2012) afirma que, na formação de professores a partir de uma perspectiva sociocultural, há uma interconexão entre o cognitivo e o social. Para que isso se efetive é preciso que haja mediação adequada. Nessa perspectiva, o professor de Libras desempenha um papel fulcral na formação dos futuros docentes, pois será o mediador do complexo processo de ensino-aprendizagem favorecendo o contato com as práticas sociais e os artefatos



culturais que possibilitarão a aquisição/aprendizagem da língua.

Os professores chegam aos cursos de formação com noções cotidianas espontâneas e não espontâneas (VIEIRA-ABRAHÃO, 2012). A primeira se refere às noções formadas de suas experiências sociais, e a segunda a noções que lhes são ensinadas e adquiridas conscientemente. Contudo, essas aprendizagens empíricas podem trazer conceitos equivocados sobre a surdez, isso se dá por causa de uma visão estereotipada que uma parte da população tem a respeito das pessoas surdas.

Gesser (2009), Quadros e Karnopp (2004), nos apresentam algumas dessas crenças e preconceitos, advindos do estereótipo, sobre a surdez e a Libras: a Libras é uma língua ágrafa, uma forma de mímica e gesticulação complexa, a língua de sinais é igual em todo o mundo, a língua de sinais é apenas a gesticulação das palavras da língua portuguesa e que basta usar o aparelho auditivo para que o surdo consiga se comunicar. Essas crenças não são apenas compartilhadas pelos professores em formação, mas por toda uma parte da sociedade que não conhece as especificidades dos povos surdos (QUADROS, PIZZIO & REZENDE, 2009).

Crenças equivocadas influenciam negativamente o trabalho do professor, pois como descrito por Souza (2014), elas podem se tornar obstáculos e prejudicar o processo de ensino aprendizagem. Sendo assim, levando em conta que a perspectiva sociocultural na formação de professores tem por base a interligação de conceitos cotidianos aos científicos, para que se dê um passo rumo a mudança de crenças é preciso que o docente do componente curricular de Libras utilize artefatos culturais adequados que possam possibilitar essa interligação. Segundo Vieira-Abrahão (2012), citando Vigotski, esses artefatos podem ser ferramentas físicas, sociais e simbólicas.

A partir do momento em que um artefato é utilizado para um propósito específico ele transforma-se em uma ferramenta. Como exemplo dessas ferramentas físicas, temos o livro didático que também tem seu aspecto social (VIEIRA-ABRAHÃO, 2012). A literatura também se encaixa nessa classificação, pois, embora seja um objeto material, também traz toda uma carga social e simbólica em seu conteúdo.

As ferramentas sociais podem proporcionar, aos aprendizes de uma língua, a oportunidade de mergulhar na cultura de um povo. Esse mergulho é fundamental para que o processo de aquisição/aprendizagem seja construído, pois “o conhecimento é construído socialmente e emerge das práticas sociais” (VIEIRA-ABRAHÃO, 2012). A partir disso, nos remetemos a Rojo (2012) quando a autora afirma que hoje vivemos em uma sociedade constituída por culturas híbridas e



fronteiriças. Essas culturas híbridas estão completamente presentes no cotidiano dos alunos, assim não podem ser ignoradas. As mestiçagens de culturas presentes nas práticas sociais podem ser utilizadas na sala de aula para favorecer a aquisição/aprendizagem da língua. Dessa forma, o folclore, as lendas e contos populares do universo surdo, produzidas em Libras, são possíveis ferramentas sociais que podem ser utilizadas como mediadoras do processo de internalização da Libras.

A partir da mediação feita pelas ferramentas sociais, como a literatura surda, o estudante poderá associar os seus conceitos cotidianos aos conceitos científicos apresentados pelo professor. Com isso, haverá a “superação das limitações das experiências do dia a dia” e permitirá “a vivência de uma nova experiência em situações e contextos diversos” (VIEIRA-ABRAHÃO, 2012, p. 462). Esses diversos contextos estão presentes na literatura surda e podem contribuir para que a Libras seja internalizada e para, também, diminuir os estereótipos e crenças equivocadas sobre a surdez. No próximo item, iremos discutir como a literatura surda, enquanto um artefato cultural, pode mediar o processo de formação de professores conscientes das necessidades educacionais dos surdos.

Artefatos culturais na formação de professores

Ao se pensar em mediação, podemos nos remeter ao processo de “criar condições favoráveis para a aquisição de um desempenho real na nova língua” (ALMEIDA FILHO, 1998, p. 18). Nesse caso, é preciso experienciar essa língua e compreender os processos envolvidos nesse ato. A partir disso, nos adentramos nos artefatos culturais que podem promover experiências reais de uso da língua-alvo e proporcionar uma reflexão sobre a cultura de um povo.

No início desse artigo, apresentamos algumas características da literatura surda, e, nesse contexto, a apresentamos como uma ferramenta social que pode contribuir para a aprendizagem da Libras. Com a obrigatoriedade do ensino dessa língua para os licenciandos, muitas faculdades e universidades vêm inserido a língua de sinais em seus currículos. Contudo, é preciso que o docente dessa disciplina auxilie os estudantes a entender as necessidades educacionais e sociais dos surdos.

Atualmente, há tentativas de adaptar o ensino da Libras às necessidades das diversas licenciaturas. Um exemplo disso é o trabalho de Menezes (2014), que relata seu esforço em auxiliar os licenciandos dos cursos de Física, Química e Matemática a utilizarem a Libras em situações reais de uso em sala de aula, de acordo com o foco do curso do aluno. Naquele contexto, os estudantes aprenderam a língua alvo através da experimentação do ensino de suas respectivas



disciplinas.

Na experiência relatada por Menezes (2014), foram utilizadas ferramentas psicológicas. Como explicado por Vieira-Abrahão (2012), essas ferramentas são “andaimes”, que consistem no apoio do professor para que os alunos produzam uma determinada tarefa. Nesse caso específico, os licenciandos tiveram que produzir, auxiliados pelo professor, e ministrar aulas de Física, Química e Matemática em Libras.

Percebemos que, na formação de professores, a mediação estratégica que é oferecida e retirada no tempo apropriado, pode contribuir para a internalização dos conceitos ensinados. Nesse sentido, a literatura surda pode servir com uma ferramenta social para interconexão dos conceitos cotidianos e científicos, que possibilitará a “reconstrução e transformação dessas práticas de acordo com as necessidades individuais e dos contextos de ensino particulares” (VIEIRA-ABRAHÃO, 2012, p. 461). Pensando nesse potencial, dedicaremos as próximas seções a dialogar sobre as razões que atestam que o contato com a literatura surda é essencial e que ela pode ser utilizada como uma ferramenta social para a formação de professores.

A literatura surda: um bem incompreensível

Ao se pensar nas necessidades básicas da humanidade, a primeira que pode surgir em nossa mente é a água, pois com essa substância podemos sobreviver e fazer toda uma sociedade se movimentar. Podemos limpar nosso corpo e nossas casas. Industrias se instalam onde há uma grande abundância de recursos hídricos, movimentando assim a mola da economia. Sem a água, não seria possível produzir alimentos nem os deliciosos sucos de frutas que nos refrescam. Pensando nesse poder que a água tem, será que podemos encontrar tal necessidade básica para o ser humano na literatura? Segundo Candido (2011), sim, podemos.

Refletindo sobre os direitos humanos, Candido (op.cit) afirma que os bens incompreensíveis não podem ser negados a ninguém (p.172). A partir dessa afirmação, podemos pensar: Será que a literatura é indispensável? O próprio Candido (op.cit) nos mostra que é impossível uma pessoa passar mais de 24 horas sem contato com algum tipo de fabulação. Esse contato acontece todos os dias em nossos sonhos, nesse momento particular nossa mente viaja a terras conhecidas, ou desconhecidas, até mesmo aquelas que existem somente em nossos pensamentos.

Considerando as informações citadas, podemos afirmar que não se pode negar o acesso a nenhum tipo de literatura, pois isso provocaria o desequilíbrio social, pois se o acesso a literatura clássica é um direito da alta sociedade, também é um direito de todas as classes sociais. Partindo



desse pressuposto, a escola não pode privilegiar o ensino de um determinado tipo de literatura em detrimento ou supressão de outra. Esse é o caso da literatura surda que, por ser desconhecida, pela maioria, não é tornada acessível a todos.

Os Artefatos culturais audiovisuais e suas contribuições para a transformação das crenças dos professores

A literatura pode ser um poderoso instrumento para a humanização via educação. Nessa perspectiva, ultrapassamos as barreiras das obras impressas e adentramos em uma variedade de meios que podem ser utilizados para o processo de ensino-aprendizagem. Dentre esses meios, temos hoje as produções audiovisuais que, devido ao maior acesso pela população a filmadoras presentes em *smartphones*, tem se tornado uma forma de expressar e divulgar ideias. Com isso, o ser humano inventa e reinventa diversos meios para se comunicar com seu próximo, segundo Di Camargo (2009):

Desde as tradicionais artes plásticas, passando pela fotografia, pelo cinema, pela TV e chegando à Internet, o homem tem utilizado diversos recursos para se comunicar através da imagem. E, analisando os contextos da produção imagética, percebe-se que as imagens estão ligadas à arte, ao jornalismo, à publicidade, enfim, aos vários campos de produção de sentido, como um elemento imprescindível para o processo de comunicação (p. 27-28).

Com esses meios de comunicação é que podemos registrar nossa cultura e nossos pensamentos e, além disso, dar vida a imagens estáticas. Essa possibilidade de uso dos recursos audiovisuais potencializa os efeitos comunicativos desse meio e a educação pode usar isso a seu favor. Dentre as múltiplas tecnologias e meios para registro audiovisual, nos remeteremos a pedagogia dos multiletramentos de Rojo (2012) quando ela apresenta que

o conceito de multiletramentos aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente as urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituições dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (p. 13).

Nesse contexto, os multiletramentos são formas de letrar o aluno utilizando diversos contextos sociais e culturais. Como já destacado, a comunidade surda possui uma cultura própria e dentro da proposta de Rojo (op.cit), múltiplas culturas devem ser o objeto de ensino na escola. Sendo a cultura surda expressada principalmente por meios audiovisuais, é preciso que o professor



conheça e domine a utilização deles para que, com isso, ele possa conduzir o processo de letramento³ do aluno.

A popularização do acesso à internet aumentou o potencial de uso e distribuição produções audiovisuais e, também o aumento do uso de tecnologias que possibilitam que em um aparelho de celular possamos realizar filmagens, contribuiu para a grande quantidade de vídeos presentes nas redes sociais e em sites de compartilhamento de vídeos.

Sobre o uso desses recursos no processo de ensino-aprendizagem, Napolitano (2003), comenta que eles podem fazer com que a escola reencontre culturas, pois eles podem apresentar valores sociais, ideologias e estéticas. Isso não é diferente com a comunidade surda, pois em suas produções culturais encontramos a métrica visual (KARNOPP & HESSEL, 2013; QUADROS, et.al, 2014), ideologias e valores sociais (KARNOPP, 2010). Desse modo, a escola pode conhecer, respeitar e difundir a cultura das comunidades surdas.

É fato que a maioria dos ouvintes desconhecem a cultura surda e suas produções literárias, mas essa literatura poderia contribuir para que os alunos possam desenvolver a sua subjetividade e visão crítica de mundo, assim seria de fundamental importância que o estudo dessa literatura fizesse parte do currículo escolar. Dentro desta perspectiva, surge a questão: Como incluir a literatura surda no currículo escolar e quais métodos utilizar para isso? Nossa proposta, neste sentido, é utilizar as produções culturais surdas como ferramentas sociais para a formação de professores.

Com a utilização dos recursos citados, é preciso que situações sociais determinem os tipos de atividades que serão desenvolvidas, os contextos que serão produzidos pelos alunos e as várias interações possíveis da utilização do audiovisual (KLEIMAN, 2006). Contudo, nesse contexto é preciso lembrar-se das orientações de Moran (1995, p. 27), sobre os vários usos de vídeos na sala de aula, pois mesmo sendo úteis é preciso evitar armadilhas. Dentre elas ele cita o vídeo-tapa-buraco; vídeo-enrolação; vídeo-deslumbramento e o vídeo-perfeição (MORAN, 2003, p. 34).

Essas formas inadequadas de uso do vídeo abrangem situações como: o uso do vídeo como segunda alternativa para uma aula não programada; vídeos sem conexão direta com o assunto da aula; uso excessivo do mesmo vídeo sem lançar de mão de outras dinâmicas; vídeos nos quais o professor se atenta apenas em discutir os defeitos estéticos ou de informação.

Moran também apresenta propostas adequadas de utilização do vídeo, sendo elas o “vídeo como sensibilização” e o “vídeo como ilustração” (MORAN, 2003, p. 34). Esses teriam como

³ Nesse artigo, consideremos o letramento como descrito por Soares (2002) que a entende como um processo no qual o aluno vai além da alfabetização formal e se apropria da leitura e escrita.



função despertar a curiosidade do aluno para um novo assunto e também apresentar a eles uma realidade social desconhecida.

No nosso caso, o audiovisual pode ser utilizado em atividades que visem desmistificar conceitos cristalizados a respeito da língua e cultura do outro, como é o caso da literatura produzida em Libras, pois permite apresentar diversas histórias, contos e anedotas na sala de aula, de maneira a permitir a prática da alteridade e a desconstrução de estereótipos negativos em relação à cultura surda.

Sabemos que a literatura cumpre a função da fabulação necessária ao espírito, conforme nos apresenta Candido (2011). A partir das afirmações deste autor, podemos apreciar, também, a literatura surda como uma necessidade básica, já que se trata da manifestação universal de povo.

Ao argumentar sobre o direito à literatura, sabemos que as manifestações artísticas correspondem “a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza” (CANDIDO, 2011, p. 256).

Humanização aqui é entendida como um processo que caracteriza o homem com traços ditos essenciais: capacidade de refletir, de adquirir conhecimento e sabedoria, boa disposição ao relacionar-se com o outro, afinamento das emoções e capacidade de percepção do que é belo e complexo.

Desta forma, possibilitar aos alunos ouvintes o contato com a literatura surda do universo surdo, pode ser uma oportunidade de acesso à outras formas de manifestação literária que pode promover a alteridade e a interculturalidade.

Uma proposta metodológica para o ensino da literatura surda nos cursos de licenciatura

Levando em consideração a pedagogia dos multiletramentos de Rojo (2012), a perspectiva sociocultural na formação de professores (VIEIRA-ABRAHÃO), as proposições sobre o direito a literatura de Candido (2011) e a experiência relatada por Menezes (2014), podemos pensar na literatura surda com um útil artefato cultural, que pode mediar o processo de internalização dos conceitos abordados nas aulas.

Com isso, nos cursos de licenciatura, é preciso que o professor proporcione aos estudantes a oportunidade de entrar em contato com a realidade social e cultural dos povos surdos. Outro ponto importante é experienciar o ensino das disciplinas, das respectivas licenciaturas, em Libras. A literatura surda pode servir a esses dois fins, primeiramente porque, como citado anteriormente, ela



expressa a cultura dos povos surdos e, em segundo lugar, ela pode servir de ponte para uma interconexão entre os conceitos cotidianos e os conceitos científicos.

As considerações que tecemos até aqui não encerram a temática. Apresentam, na verdade, reflexões preliminares que serão (re) pensadas e aprofundadas pela pesquisa de Menezes (2016), em andamento, vinculada à linha de pesquisa “Linguagens, culturas e formação docente”, do mestrado profissional em formação de professores da Universidade Estadual da Paraíba, com vistas a produzir material de apoio para o ensino da literatura surda em escolas regulares.

O trabalho proposto procurará desenvolver meios para a aplicação de sequências didáticas com conteúdo de literatura surda em turmas regulares. Com isso, esperamos entender a viabilidade de se introduzir esse tipo de literatura no ensino médio. Contudo, para que isso aconteça, primeiramente, ela deve estar inserida dentro da disciplina Libras nos cursos de licenciatura.

Desse modo, esse artefato cultural, a literatura surda, auxiliará os futuros docentes a compreender a necessidade social dos povos surdos em legitimar o seu direito a expressar sua cultura e transmiti-la a todos.

Considerações finais

A Libras é uma língua viva e seus usuários têm o direito de aprender utilizando-a. Assim, aos poucos, esse direito está sendo garantido. A sanção do Decreto n. ° 5.626 deu um grande passo para que a Libras fosse afirmada como uma língua. Segundo os dados do MEC, foram certificados 6.101 profissionais no período de 2006 a 2010, para interpretação/tradução e para o uso e ensino da Libras. Se considerarmos o número de municípios, teremos a proporção de aproximada 1/1. Assim, ainda faltam profissionais para atender os surdos, contudo vale salientar que um tipo de profissional ainda é mais raro, professores das diversas disciplinas que ministrem suas aulas de maneira bilíngue em Libras e Português.

Portanto, devido a necessidade destes profissionais, torna-se imprescindível uma análise da situação do ensino da Libras como segunda língua nos cursos de licenciatura. Com isso, a formação desses profissionais estaria contemplando uma dimensão formativa que iria contribuir para promoção da inclusão das pessoas surdas na sociedade.

Mesmo com a obrigatoriedade do ensino da Libras nas Licenciaturas, outros cursos superiores não são obrigados a ministrar aulas dessa língua. Deste modo, os bacharéis das diversas áreas estão se formando sem conhecer os povos surdos e sua cultura. É compreensível que a lei contemplasse as licenciaturas, pois os professores são responsáveis pela formação de um cidadão



crítico e consciente, contudo, em outras áreas também é fundamental um conhecimento básico da Libras. Para exemplificar, podemos citar profissionais como advogados, administradores, turismólogos, dentistas, fisioterapeutas, médicos, psiquiatras, psicólogos e outros.

Vários métodos podem ser empregados para o ensino da Libras e também para a inclusão dos surdos. Porém, como foi abordado, ainda é preciso repensar o currículo e a inclusão da Libras e da literatura surda em diversos cursos. Como foi percebido no nosso artigo, a literatura produzida por surdos traz toda uma carga social e cultural e, se queremos ter professores capazes de proporcionar aos alunos uma formação multiletrada, é fundamental que a literatura surda seja abordada em sala de aula.

Além do Romantismo, Realismo, Modernismo e outros, a literatura surda também é parte da literatura brasileira. Desse modo, por que ela não faz parte dos parâmetros curriculares nacionais? Precisamos pensar sobre isso, pois temos o direito a ela e, dessa forma, a comunidade surda precisa de pessoas que se interessem por sua língua e cultura, pois assim os entraves na comunicação podem ser amenizados com a inclusão dessa literatura nos cursos de formação de professores e, conseqüentemente, no ensino médio. De todos os modos, esses esforços devem estar focados não em computar números, mas sim em garantir aos povos surdos o direito a legitimar sua cultura e participar plenamente da sociedade.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas: Pontes, 1998.
- FERREIRA, J.L. A complexa relação entre teoria e prática pedagógica na formação de professores. In: FERREIRA, J.L. (Org.) **Formação de Professores: teoria e prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, pp. 33 – 49.
- GESSER, Audrei. **Metodologia de Ensino em Libras como L2. Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância**. Florianópolis: UFSC, 2010. Disponível em: < <http://goo.gl/FEpf6Y> >. Acesso em 22 jun. 2016.
- GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009.
- KARNOPP, L. B. **Produções culturais de surdos: análise da literatura surda**. Cadernos de Educação. Pelotas, RS: FaE/PPGE/UFPel. 2010. Disponível em: < <http://goo.gl/fAju48> > 17 de junho de 2016.
- KARNOOP, L. **Literatura surda**. UFSC. Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a distância Florianópolis 2008. Disponível em: < <http://goo.gl/PViB6L> > 17 de junho de 2016.
- MENEZES, R. D. **A Formação de professores para o uso da Libras em sala de aula: Uma visão Funcional do ensino**. In: QUADROS, R. M. de (org.). *Anais do IV Congresso Nacional de Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa*. Florianópolis: UFSC, 2014.



- MENEZES, R.D. **A utilização da literatura surda como instrumento didático nas escolas regulares.** Relatório de pesquisa em andamento (Mestrado profissional em formação de Professores). Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba, UEPB, 2016.
- OLIVEIRA, M.M. **Formação de professores. Produção de conhecimento – Sequência didática.** In: Sequência didática interativa no processo de formação de professores. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- PERLIN, G. **Identidades Surdas.** In: SKYLAR, C. (org.). *A Surdez: um olhar sobre as diferenças.* 5º ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.
- QUADROS, R. M; PIZZIO, A. L; REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais I. Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância.** Florianópolis: UFSC, 2009. Disponível em: < <http://goo.gl/CkIEj> >. Acesso em 22 jun. 2016.
- QUADROS, R.M. & KARNOOP, L. B. **Língua brasileira de sinais: Estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.
- ROJO, R. H. R. **Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola.** In: ROJO, R. H. R; MOURA, E. (Org.). *Multiletramentos na escola.* São Paulo: Parábola Editorial, 2012. Pp. 7-31.
- SOUZA, Fábio Marques de. **O cinema como mediador na (re)construção de crenças de professores de espanhol-língua estrangeira em formação inicial.** 2014. Tese (Doutorado em Educação) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** São Paulo: Contexto, 2003.
- VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. **A Formação do Professor de Línguas de uma Perspectiva Sociocultural.** Signum. Estudos da Linguagem, v. 15, p. 457-480, 2012